

# Atitudes

Entre. Começo e desparcar,  
A fingir que estou bem — resolto à vontade...  
Mas a verdade é que não sei como hei de estar,  
E não sei occultar que esta é que é a verdade!

Joem-me fora. E fora, o vento, em seu lambeamento,  
Abreasta-me, embelleza-me, adormenta-me.  
Quasi me sinto bem, todo envolto em sofrimento,  
E o prazer de sofrer tenta-me:

Ah! que bom estar só, posto de lado,  
In sob a chuva, agarrar frijo, engulir fome, verax a êrmo,  
Deser! chegar cansado e salubriado...!  
E desato a chorar sobre minhas misérias.

Choro na noite longa e lóbrega, transido  
Como um menino chorou atreda da porta... Mas consigo,  
Consolo-me em sentir-me incompreendido,  
Porque o menino mesmo é mau mesmo merecia um tal castigo...

Soubo-me um rei no exílio, um príncipe encastado  
Um cavalier-bruno, um poeta-doído, um Cristo mi na cruz.  
Em pedras de terror prego aos peixinhos o meu fado...  
E enlameo em lodo os meus pés meus!

Covoso, entretanto, os salões,  
Falso intangível, roado, avante o furor deles e delas,  
Sofro, incoerente, obscuridades e impudências,  
Sento-me, vante até à morte, a olhar os vidros das janelas...

Que lindo deve ser passear lá fora sob a lua!...  
Compreendo bem que o meu lugar é sempre fora.  
E a fingir que não sou forçado a ir p'ra lua,  
Amavelmente me despeço e me desculpo de ir e voltar.

Fera, o silêncio cai, profundo,  
E agonia-me todo da ventigem do Sublime.  
Sinto, dentro de mim, subir todo o <sup>meu</sup> mundo...  
Mas o meu mundo — eis o meu crime!

Pois terminando só por onde tinha começado,  
Eu dei cubro que eu — sou eu,  
Mas sem me ter completado  
Nesta ficção que me viveu.

José Régis

Autografo  
José Régis